

A propósito da mensagem que enviei sobre o *“Jogo enquanto Património”* perguntou uma ilustre professora, investigadora e editora se conhecia o livro do Padre Pedro Aloy, que está esgotadíssimo e é muito difícil de encontrar. Respondi que sim, que o tinha obtido em 1997 durante os minuciosos péréplos pelos alfarrabistas e livreiros de Lisboa e do Porto. E que fazia parte do acervo do Museu Nacional do Desporto (Padre Pedro Aloy, 1882, *“Recreios Collegiaes por meio de toda a especie de jogos excepto os de cartas e de armas”*, Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, Impressor da Casa Real, rua dos Calafates, 110 – in Museu Nacional do Desporto, registo 312, cota: ALO/Reservados).

Trata-se dos jogos prescritos para os recreios do colégio jesuíta de Campolide pelo Padre Pedro Alloy. O livro, de 406 páginas, tem, na nota introdutória (*Advertencia*), a data de 31 de julho de 1882; e descreve cento e cinquenta jogos. Escreve o autor: *“Propozemo-nos simplesmente colligir para os alumnos internos dos collegios uma serie de passatempos amenos, para que bem occupados nas horas de recreio, podessem passar a vida collegial mais moral, saudavel e alegremente”* (págs. iii-iv)

Serve esta mensagem para divulgar e partilhar este pequeno fragmento do Património do Jogo e do Desporto.

Não resistindo em transcrever a *“Nota”* que o autor colocou no final do livro:

“Nos jogos de Prendas chama-se sentenciar uma prenda declarar a pena, que ha de cumprir o que a pagou para recuperal-a. Ao presidente do jogo compete este officio. No collegio a unica pena estabelecida para este caso consiste em recitar d’um logar sobranceiro á planicie do recreio a seguinte poesia de M.M.B. du Bocage”,

Passarinho Preso

Na gaiola empoleirado
Um mimoso passarinho
Trinava brandos queixumes
Com saudades do seu ninho:

Nasci para ser escravo,
(Carpia o cantor plumoso)
Não ha ninguém n’este mundo,
Que seja tão desditoso.

Que é do tempo, que eu passava,
Ora descantando amores,
Ora brincando nos ares,
Ora pousando entre as flores?

Ma haja a minha imprudencia,
Mal haja o visco traidor;
Um raio, um raio te abraze,
Fraudulento caçador.

Em que pequei? Por ventura
Fiz-te á seara algum mal?
Encetei, mordi teus fructos,
Como o damnhinho pardal?

Agrestes, incultas plantas
Produziram meu sustento,

Inutil aos que se presam
Do alto dom do entendimento...

Do entendimento! Ah malignos!
Vós, possuindo a razão,
Tendes de vícios sem conto
Recheado o coração.

Ah! Se a vossa liberdade
Zelosamente guardais
Como sois usurpadores
Da liberdade dos mais?

O que em vós é um thesouro,
Nos outros perde o valor?
Destroe-se o jus do oprimido,
Pela força do oppressor?

Não tem por base a justiça,
Funda-se em nossa fraqueza
A lei, que a vós nos submete,
Tyrannos da natureza.

Em offensa das deidades,
Em nosso damno abusaes
Da primazia, que tendes
Entre os outros animaes.

Mas ah triste! Ah malfadado!
Para que me queixo em vão?
Que espero se contra a força
De nada serve a razão?

Aqui parou cançado
O volatil carpidor,
Eis que vê chegar da caça
O seu barbaro senhor.

Trazia encostado ao hombro
O arcabuz fatal, e horrendo,
E alguns passaros no cinto
Uns mortos, outros morrendo.

Das penetrantes feridas
Ainda o sangue pingava,
E do cruendo verdugo
As curtas vestes manchava.

O preso, vendo a tragedia,
Coitadinho, estremeceu,
E de susto, e de piedade
Quasi os sentidos perdeu.

Mas apenas do soçobro
Repentino a si tornou,
C'os olhos nos seus finados
Estas palavras soltou:

Entendi, que dos viventes
Eu era o mais infeliz:
Que outros tem pior destino
Aquelle exemplo me diz.

Da minha sorte j'agora
Queixas não torno a fazer:
Antes gaiola, que um tiro,
Antes penar, que morrer.

(Padre Pedro Aloy, 1882, "*Recreios Collegiaes...*", Lisboa: Typographia Universal, págs. 398-400)

A importância do Jogo e do Desporto para a compreensão do ser humano e da sociedade há muito que é defendida. Só os seculares preconceitos contra o corpo e a *Performance* (Schechner, Turner) têm mantido essa musealização subvalorizada e minorizada. Na *sentença* da Prenda, aqui referida por Pedro Aloy, fica demonstrada a atualidade deste Património, porque, de facto, o jogo do jogo que ela mostra, ilumina a mentalidade e o efeito que os responsáveis pela educação naquele Collegio pretendiam dar ao Jogo e às atividades ludico-desportivas.

A redução matemática e conflituosa do conceito de Jogo, muito por ação de John von Neumann (1928 e 1944), retirou-lhe a dimensão patrimonial profunda que encontramos, por exemplo, nas "sociedades sem escrita" relatadas pela antropologia; em personagens dos mitos como o *Doppelgänger*; nas "simetrias isomorfas" em práticas ritualizadas (festividades, cerimónias, interações sociais); nos jogos metafóricos e metonímicos da tradição Retórica e Oral; e, agora, paradoxalmente, nos jogos virtuais entre personagens e avatares das "Segundas Vidas".

Enfim, falta recuperar o sentido profundo de Jogo enquanto, digo eu, "comportamento humano que permite, ao tudo e ao mesmo, ser e não ser", e que está nas profundezas instintivas que Karl Groos, Sílvio Lima, ou J. Huizinga defenderam, e que as descobertas recentes da biologia molecular da cognição vieram reabilitar. Inclusive, pondo em causa que sejam apenas *três* as variáveis de uma correcta teoria da evolução da vida biológica, como referimos no "*Manifesto pela Contra a Antropologia Silenciada*" (2011). Àquilo a que a "Seleção Natural" se "Adapta" não é senão um ambiente Transformado, razão pela qual há tanta e tão rápida "Variação", que as "mutações" só por si não explicam, como aliás o próprio Darwin reconheceu. O Jogo é um mecanismo que desempenha nessa *quarta variável* da "Transformação" um papel crucial, que a teoria vigente ainda não consegue conceder, mesmo que à revelia do método científico e da evidência empírica.

Um *Museu do Desporto* que atribui esta importância ao Jogo, acompanhado do respetivo "Projeto e Programa Museológico", já foi apresentado por altos dignatários em cerimónia pública em 2008. Até já começou a dar os primeiros passos. Falta agora que se cumpra a promessa que lhe fizeram. Para que este Património não se perca.